

A DROGA E O IRREPARÁVEL *

Véra Motta

1. A CLÍNICA PSICANALÍTICA: LIMITES

Quando Lacan afirma o assujeitamento do sujeito ao significante¹, ou seja, que o sujeito é determinado simbolicamente, ele introduz, ao mesmo tempo, a idéia que o sujeito não está aberto a todas as escolhas.

Critica-se a psicanálise, por supor que ela impõe limites à escolha do sujeito². A tese psicanalítica é: não há escolha, se não houver aceitação do destino. Entre a escolha e o destino, os limites se localizam, em cada caso. Os limites, adiantamos, não são os da psicanálise, mas dependem tão-somente da estrutura do sujeito.

2. A PSICANÁLISE E O CONCEITO-LIMITE

O conceito é a unidade mínima sobre a qual incidem nossos juízos, mas esta noção não tem se mantido sem crises, ao longo da história das idéias. Em Freud³, a pulsão é definida como um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático. O conceito-limite (*Grenzbegriff*) não foi inventado por Freud, já aparece em Kant. O conceito-limite é um conceito especial, que delimita as pretensões à significação, à validade do próprio conceito, na medida em que ele nos remete a um limite objetivo, encontrado na experiência⁴.

¹ LACAN, Jacques. A instância da letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.223-73.

² IZCOVICH, Luis. La famille, vue par la psychanalyse. In: ZWEIFEL, F. et alii. *La famille, entre ... choix et destin*. Association de la Cause Freudienne Île de France. Supplément au n. 16 de *Confluents*. Paris, juin 1995.

³ FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos*. v.XIV. p. 129-89. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas).

⁴ GARCIA, Célio. A Psicanálise e a Universidade. In: _____. *Psicanálise, Política, Lógica*. São Paulo: Escuta, 1995, p.29-37 (Plethos).

Em um Seminário dedicado, muito justamente, aos principais conceitos freudianos, Lacan se situa frente à questão, adotando a posição de recusa do conceito. Essa recusa se traduz na seguinte concepção:

Se o conceito se modela, com efeito, por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por um salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar⁵

Lacan será conduzido a substituir o conceito pelo matema, em que a passagem ao limite se realiza, pois acredita que só a matematização atinge um real⁶.

Toxicomania não é, propriamente falando, um conceito em Psicanálise. Família, tampouco o é. São esses dois termos que procuraremos aqui conjugar, tendo, como vetor, a noção de conceito-limite, tal como Freud e Lacan nos ensinam.

3. TOXICOMANIA E FAMÍLIA; CONCEITOS-LIMITES

O termo toxicomania deriva das primeiras classificações da psiquiatria clássica, orientada a partir da clínica das monomanias parciais, como uma variedade temática das mesmas, entendidas, enquanto tal, como manias sem delírio que não afetam, totalmente, o espírito. Esquirol, em seu tratado de 1838, refere-se às monomanias de embriaguez, registrando, posteriormente, a morfinomania e o eterismo⁷.

Em Psicanálise, a clínica verifica que a adição não é, em si mesma, uma estrutura, mas um fenômeno que se pode encontrar em qualquer estrutura clínica.

A família, desde a Roma Arcaica, não era um clã, uma grande família patriarcal, a *gens*, que veio em seguida enfraquecer-se. O pai de família era um esposo, dono de patrimônio, senhor de escravos, patrono de libertos e clientes. Por uma espécie de delegação que lhe

⁵ LACAN, J. *O Seminário; livro 11*. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.24-5.

⁶ ————. *O Seminário; livro 20*. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

⁷ GUILAÑÁ, Elvira. Toxicomanias-dependencias: modalidades clínicas. *Cuadernos de Psicoanálisis 12*. Las Adiciones. Revista del Instituto del Campo Freudiano en España. Barcelona, Espanha: Ediciones Eolia, 1996, p.37-9.

fazia a cidade, exercia direito de justiça sobre os filhos e filhas; esse conglomerado de poderes heterogêneos não derivava de uma unidade primeira⁸. Todo filho de família, uma vez órfão e emancipado, tornava-se chefe de uma nova família, e nada, exceto sentimentos ou estratégia familiar, o ligava aos irmãos ou tios: a família era conjugal.

A expressão família conjugal, de Durkheim, designa a instituição da família moderna. O termo conjugal põe em relevo o laço, a união, a relação do pai e da mãe⁹. A família moderna, tal como a conhecemos hoje, é reduzida a um número restrito de elementos, não importa a sua organização.

Assim se expressa Lacan sobre a família:

A constelação (...) originária que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino, e diria quase à sua pré-história, a saber as relações familiares fundamentais que estruturaram a união dos seus pais, mostra ter uma relação muito precisa, e definível talvez por uma fórmula de transformação, com o que aparece como sendo o mais contingente, o mais fantasmático, o mais paradoxalmente mórbido do seu caso(...)¹⁰.

Lacan refere-se aí ao Homem dos Ratos, paciente de Freud. Em 1969, em um manuscrito publicado somente em 1983, Lacan define a função da família enquanto **resíduo**, que sustenta, e ao mesmo tempo mantém, a família conjugal na evolução das sociedades, e que põe em relevo o irredutível de uma transmissão. Esta transmissão é, para ele, de uma ordem diversa da satisfação das necessidades, é da ordem de uma constituição subjetiva, implicando, por isso mesmo, a relação com um desejo que não é anônimo¹¹.

Essa transmissão só se concebe como sendo a própria transmissão da significação fálica. Toda constelação subjetiva desejante exige a presença do pai, enquanto agente da castração, ou seja, aquele que faz de uma mulher o objeto causa de seu desejo, e da mãe, na medida em que seus cuidados portem a marca de um interesse particularizado, ou seja, que ela experimente uma satisfação sensual em ocupar-se de seu filho.

⁸ HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 1. Do Império Romano ao Ano Mil. Org. Paul Veyne. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (Col dirigida por Philippe Ariès e George Duby).

⁹ ASNOUN, Marie-José. Destin et choix du sujet. In: ZWEIFEL op. cit., p. 13-9

¹⁰ LACAN, J. O mito individual do neurótico. Lisboa: Assírio e Alvim, s/d., p. 55-6 (Pelas Bandas da Psicanálise).

¹¹ LACAN, J. Deux notes sur l'fant. *Ornicar?*37, Revue du Champ freudien, avr./juin 1986, p. 13-4.

Para a psicanálise, portanto, a família tem origem, não em termos de aliança, mas de mal-entendido, no desencontro, na decepção, na negligência ou no delito. Onde Lévi-Strauss via filiação, a Psicanálise enxerga o Nome-do-Pai, o Desejo da Mãe e os objetos. Onde imperam, na análise de Lévi-Strauss, as relações de consangüinidade entre os seus membros, a psicanálise verifica um segredo, um não-dito, um saber sobre o gozo do pai e da mãe¹².

A família é, pois, uma consequência da lógica da linguagem, e encontra sua definição por ser enunciada em termos de discurso, isto é, de laço social. Nesse sentido, ela é traumática, pois força a entrada do sujeito no mundo do significante, da representação simbólica. Decorre daí seu duplo caráter: ser produzida pelo símbolo e, ao mesmo tempo, veiculá-lo. Por isso, apresenta-se, como formadora, toda-poderosa, pois detém a exclusividade de poder instalar a criança nas primeiras identificações.

Diante disso, como se situa a criança? Qualquer que seja sua estrutura, adverte Lacan, a criança realiza a presença do objeto *a* na fantasia, saturando, substituindo-se a este objeto, modo de falta em que o Desejo da Mãe se especifica¹³. O que irá diferenciá-la, de acordo com a estrutura, é o modo de lidar com essa falta, que independe da estrutura.

Na psicose, a criança vai identificar o gozo no lugar do Outro, e, não havendo uma lei sobre o desejo, o sujeito fica à mercê de um gozo do Outro. A forclusão da metáfora paterna deixa a criança só aos cuidados de uma mãe não-dividida, à qual ela pode oferecer, de modo imediatamente acessível, o que falta ao sujeito masculino. Fazendo-a toda, a criança encarna o objeto que causa seu desejo. Tomada na fantasia materna, a criança aí comparece, do mesmo modo que uma mulher pode se prestar à fantasia de um parceiro masculino¹⁴.

¹² SANTIAGO, Ana Lydia, SANTIAGO, Jésus. A Psicanálise em face da familiarização do mundo: pontos para uma investigação sobre a família. *Opção Lacanjana* 17. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, 1996, p.83-8.

¹³ LACAN, J. Deux notes ... op.

cit

¹⁴ NOMINÉ, Bernard. O que me ensinam as crianças e seus psicanalistas; proposta para uma direção da cura. *Revista Carrossel*. A criança sintoma. Ano 1, n.1. Centro de Estudos e Pesquisa de Psicanálise e Criança. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise-Bahia, 1997, p. 13 -25.

Na clínica da toxicomania, encontramos uma relação mãe-filho toxicômano igualmente peculiar, na qual se pode observar que algo da separação não se produziu¹⁵. A droga como artifício, apontada por Lacan, descarta os efeitos devastadores do gozo, mais precisamente, do gozo da mãe. Entretanto, a relação do filho com a mãe é uma relação que exclui a relação fálica. A ruptura do sujeito com o fálico, na toxicomania, precipita-o para uma mãe não-edípica, a figura de um Outro não-castrado.

Poder-se-ia mesmo falar, na toxicomania, de um certo empuxo a um Outro conivente com o gozo, sem a mediação fálica. Um gozo a seco, como se expressa Monica Unterberger¹⁶, sem o investimento imaginário próprio do amor.

Quando o consumo de droga põe o filho em posição de ruptura com o gozo fálico, precipita no Outro materno uma resposta. A mãe parece aí se reencontrar, com relação a um filho, em uma posição na qual já não estava, ou na qual, se estava, o fazia fora da posição fálica. Daí as manobras que urdem essas mães para manter o gozo da toxicomania dos seus filhos. Abre-se aí uma via mortífera, porquanto fora de toda referência ao falo.

4. UM EXEMPLO DE MAL-ENTENDIDO

Seu casamento, aos 19 anos, com um rapaz de 17, foi fruto de um acordo operado entre a sogra, tirana, e sua irmã mais velha, que a criou desde os 9 anos, quando morrera sua mãe, Primeiro filho aos 20, ao qual se segue um outro, com pequeno intervalo. Logo após o nascimento do primogênito, o marido se muda para outro Estado, a pretexto de um trabalho. Por instância da sogra, vai encontrá-lo, e, após instalar-se com as crianças, o marido decide retornar à casa materna. Sucedem-se os lugares de habitação, as mudanças sem pretexto, os episódios de violência do marido a pretexto de ciúme, namoradas do marido com o consentimento e aprovação da sogra, até a separação do casal. Permanece com os filhos, então com 6 e 7 anos, em casa da sogra, até que esta decide o destino da prole: encontrar o pai, noutra Estado, devendo a mãe buscar outro rumo.

¹⁵ FERNANDEZ-LOAYSA, G. Sobre toxicomanias y alcoholismo. Debate. *Cuadernos de Psicoanálisis* 12,

É o primogênito agora com 26 anos, consumidor contumaz de cocaína, que a traz à consulta. Durante a cura, a paciente vai removendo a bruma do esquecimento: ainda bebê, seu filho foi medicado com psicotrópico, pois "não parava de chorar". Aos 2 anos, ele foge de casa, nu, indo parar na casa da avó paterna, que convoca toda a família para uma sessão de acusação contra a nora, nossa paciente; o episódio culmina com agressão física, por parte do marido. Foge de casa, transtornada, mas é resgatada pela sua própria família. Episódio posterior envolve agressão verbal, desta feita por este mesmo filho, com 4 anos, instigado pela avó e tia paternas. O garoto é surrado pela mãe com violência, reconsidera a paciente na cura. Novo episódio, em que o garoto, aos 5 anos, acusa a mãe de negligência e maltrato, por ela ter permitido que o irmão, menor, o empurrasse. Resposta idêntica do marido. Com a separação dos filhos, a notícia : a madrasta das crianças, a título de castigo, servia pimenta nas refeições dos garotos, que são hospitalizados. Outra punição consistia em trancafiar as crianças em quarto escuro. Eis o que lhe relata sua sogra. Aos 16 anos, o primogênito comete a primeira da série de tentativas de suicídio, todas elas marcadas pelo recurso aos psicotrópicos. Volta a viver com a mãe que, neste intervalo, sem os filhos, resolve voltar a estudar, formar-se, garantir sua sobrevivência, e envolve-se, de imediato, com acidentes de carro. A droga faz seu aparecimento neste momento, e o relato sobre o uso é acompanhado de um outro, em que sobressai o caráter de simulacro do lado do filho: são ameaças de morte que não se cumprem, enfrentamento de traficantes que atiram nele, sem sucesso, assaltos que não deixam pistas, novas tentativas de suicídio que não se concretizam, negócios que não se completam, ou, se o fazem, fracassam. Tudo isso alcança um ponto de basta na prisão por tráfico, atenuada em seguida por um processo judicial em curso. Com a internação, fora do Estado, a mãe deu curso ao trabalho analítico.

Não houve projeto de família, verifica com desconsolo a paciente. O que observamos é que a permuta, necessária, entre os pais, para que o sujeito faça entrada no mundo significativo, pareceu não se realizar. Essa disfunção culmina com a forclusão do Nome-do-Pai, dedutível, nesse caso, supomos, não apenas do pai, como também da mãe.

op. cit, p.5-12.
¹⁶ id.ibid.

A mãe parece não fazer caso do falo, nem do pai genitor, nem de um outro qualquer, restando seu desejo anônimo. O pai, diante da única coragem que interessa a psicanálise, o enfrentamento da castração, ou seja, do Outro sexo, que consiste em tomar uma mulher como objeto causa de seu desejo, recua.

Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser exceção. Ele só pode ser modelo da função realizando o tipo. Pouco importa que ele tenha sintomas, se acrescenta aí o da perversão paternal, isto é, que a causa seja uma mulher que ele adquiriu para lhe fazer filhos e que com estes, queira ou não, ele tem cuidado paternal¹⁷.

5. ENTRE A ESCOLHA E O DESTINO

Mais além da mãe e do pai como personagens, é preciso apontar que o que não funcionou, nesse caso, o que foi perturbado, foi a função do Simbólico, enquanto aquilo que põe ordem e localiza um gozo em determinado ponto do corpo do sujeito. Ao fazê-lo, o Simbólico oferece-lhe uma via de obtenção de um gozo possível.

Na ausência desse operador estrutural, o sujeito realiza, com o tóxico, um modo de frear o gozo, mortífero, da mãe. Foi aí mesmo onde ela se enganchou, ferozmente, satisfazendo-se. Um episódio de isquemia cerebral, nessa paciente, veio impedi-la de visitar o filho no internamento, o que a leva a estabelecer a conexão significativa da doença como defesa, contra a idéia da volta do filho, pródigo em invencionices, das quais ela parecia advertir-se, a esta altura do tratamento. O trabalho analítico aponta para uma questão, que faz vacilar o desejo: por que colocou o filho em tal estado de dependência? Esse momento marca uma ultrapassagem na cura.

A psicanálise privilegia a escolha na estrutura, que escapa das casualidades traumáticas, para implicar a escolha de posição do sujeito com relação ao Outro do significante e o Outro do gozo. Dissemos, no início, que não pode haver escolha se não houver aceitação do destino. A castração é o destino de todo pequeno homem, com a qual ele deverá consentir, produzindo

¹⁷ LACAN, J. R.S.I. O Seminário 1974/1975. Seminário de 21 de janeiro de 1975, p. 21. s/l, s/d.

(...) a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se ao tipo ideal de seu sexo, nem mesmo responder sem alguns graves riscos às necessidades de seu parceiro na relação sexual, e mesmo acolher com justeza as da criança que nela se procria¹⁸.

Diante do rechaço do Inconsciente, outro nome do Destino, somente resta o Irreparável, descrito de forma admirável nos versos de Baudelaire:

Oh, podemos banir o Remorso num
pôrto, Que vive e se agita e se farta,
E se nutre de nós como os vermes de um
morto, Como do carvalho a lagarta?
Oh, podemos banir o Remorso num
porto?

(...) A esperança que brilha ao limiar da
Estalagem
Soprada, para sempre é
morta!
Sem raios e sem luar, quem dará a
ancoragem
Aos mártires da estrada
torta?
Satã apagou tudo ao limiar da
Estalagem!

(...) O irreparável rói, feito praga
inimiga, Nossa alma, uma estátua
do tédio,
E ataca muita vez, assim como a
formiga, Por sua base o pobre
prédio.
O irreparável rói, feito praga
inimiga¹⁹.

* Trabalho apresentado por ocasião da VII Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, "Direção e Limites da Clínica". Mesa-Redonda "Os a-viciados". 4 a 6 de dezembro de 1997. Publicado no Anuário da Jornada do Espaço Moebius, ago. 1998, p. 95-104.

¹⁸ LACAN, J. A significação do falo. *Escritos, op. cit.*, p.261-73 .

¹⁹ BAUDELAIRE. O Irreparável. In:____. *As flôres do mal*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.
p. 190-1 (Clássicos Garnier).